

NOTAS SOBRE *POECILURUS SCUTATUS* (SCLATER, 1859)
(AVES, FURNARIIDAE)

Dante Martins Teixeira ¹
Giovannini Luigi¹

ABSTRACT

NOTES ON *POECILURUS SCUTATUS* (SCLATER, 1859) (AVES, FURNARIIDAE). The Ochre-checked Spinetail, *Poecilurus scutatus*, is a little known Neotropical Furnariidae, very common in the dry forests from northeastern Brazil. This bird builds a massive domed nest (650x600x300 mm) with roots, small branches and dry leaves, placed on the ground. The general shape of this structure resembles the nest of some other Synallaxinae as *Synallaxis* Vieillot, 1818 and *Gyalophylax* Peters, 1950. The clutch of the Ochre-checked Spinetail is composed by two white eggs of 2,8 g and 21,2 x 15,7 mm and 21,6x15,5mm. *Poecilurus scutatus teretiala* Oren, 1985 is a new junior synonym of the nominal form of the species.

KEYWORDS. Aves, Furnariidae, *Poecilurus scutatus*, nest.

INTRODUÇÃO

Durante os últimos anos, a Seção de Ornitologia do Museu Nacional/UFRJ empreendeu diversos trabalhos de campo no nordeste do Brasil, obtendo informações sobre espécies muito pouco conhecidas da avifauna brasileira (TEIXEIRA, 1987, TEIXEIRA & LUIGI, 1989). Dando prosseguimento a essas pesquisas, apresentamos um estudo preliminar sobre *Poecilurus scutatus* (Sclater, 1859), espécie de ampla distribuição na América do Sul, cuja biologia permanece em grande parte desconhecida até o momento. Adicionalmente, discute-se a validade de *Poecilurus scutatus teretiala* Oren, 1985.

MATERIAL E MÉTODOS

As observações foram realizadas com o auxílio de um binóculo Nikon 8x30, sobretudo nas florestas úmidas do município de São Miguel dos Campos, Alagoas (c. 9° 47' S, 36° 05' W) e de Pacoti, serra do Baturité, Ceará (c. 4° 13' S, 38° 56' W), assim como nas "matas secas" da chapada do Araripe, município do Crato, Ceará (c. 7° 13' S, 39° 24' W), e de Mocambinho, município de Manga, margem direita do médio rio São Francisco, Minas Gerais (c. 15° 05' S, 44° 00' W). Para as medidas utilizamos uma régua de aço-cromo Rabone Chesterman

1. Seção de Ornitologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Quinta da Boa Vista, 20940-040, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Bolsista do CNPq.

milimetrada e um paquímetro Mitutoyo com precisão de 0,05mm. Os pesos foram obtidos através de balanças Pesola com capacidade de 10g e 50g, com precisão de 0,5g. As medidas da asa e cauda foram tomadas conforme SICK (1985). A nomenclatura utilizada segue MEYER-DE-SCHAUENSEE (1970). Siglas adotadas: Museu Nacional, Rio de Janeiro (MN) e Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém (MPEG).

Material examinado: *Poecilurus s. scutatus* - BRASIL. Ceará: Ladeira Grande, 1 ♂ (MN 15073); Crato, 2 ♂ (MN 34978, 36904) e 1 ♀ (MN 36905); Guaramiranga, 2 ♂ (MN 36348, 37437). Alagoas: Quebrangulo, Iex. (MN 34977); São Miguel dos Campos, 1 ♂ (MN 33869). Bahia: Cachoeira, 2 ♂ (MN 15070, 15072) e 2 ♀ (MN 15069, 15071); Boa Nova 2 ♀ (MN 34286, 34295). Minas Gerais Almenara, 2 ♂ (MN 32280, 32285). Goiás: Planaltina, 1 ♀ (MN 15068); Anápolis, 1 ♂ (MN 15074) e 1 ♀ (MN 15075). Distrito Federal: Brasília, 1 ♀ (MN 29001). Mato Grosso: Chapada dos Guimarães, 3 ♂ (MN 15719, 15727, 15741), 3 ♀ (MN 15087, 15098, 15726) e Iex. (MN 15723); Pindaíba, 1 ♀ (MN 30397).

Poecilurus s. teretiala - BRASIL. Pará: Serra dos Carajás (6° 05'S 50° 05'W), 1 ♀ holótipo (MPEG 36383), 2 ♀ parátipos (MPEG 36382, 36688).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo o material do MN, as significativas variações individuais observadas no porte e no colorido da plumagem de *P. scutatus* colocam em dúvida a validade de *P. s. teretiala*, conhecido de apenas três espécimens procedentes da Serra dos Carajás, sul do Pará. Segundo a descrição original, esta subespécie caracteriza-se por um menor comprimento da asa (53,0-53,8mm) e pelas partes inferiores muito invadidas de brancamento, diagnose ao que parece insuficiente para embasar um novo táxon. Com efeito, chama a atenção que o comprimento da asa de um casal de *P. scutatus* (MN 15070 e 15071) coletado por E. Sneathlage em Cachoeira, Bahia, tenha alcançado 54mm, enquanto que em duas fêmeas adultas de Chapada dos Guimarães (MN 15087 e MN 15007), essa medida atingiu respectivamente 53,0mm e 54,0mm. Na realidade, o tamanho da asa em indivíduos pertencentes à forma nominal de *P. scutatus* está sujeito a uma ampla variação, oscilando de 53 a 60mm em sete espécimens de Chapada dos Guimarães, ou de 54 a 57mm em quatro outros provenientes de Cachoeira. Em 28 adultos de procedência extra-amazônica que examinamos, o comprimento da asa oscilou de 53 a 61mm, com uma média de 57,5mm.

No que diz respeito ao colorido das partes inferiores, tampouco a marcada presença de branco por ser considerada diagnóstica de uma forma geográfica, haja vista existirem numerosas diferenças individuais na plumagem de *P. s. scutatus* (CORY & HELLMAYR, 1925). Cabe observar, portanto, que a existência de indivíduos bastante escuros ou muito claros em uma mesma região não é incomum, havendo exemplares de Almenara, nordeste de Minas (MN 32280), de Boa Nova, Bahia (MN 34295) ou de Guaramiranga, Ceará (MN 37437) com o peito, ventre e criso quase brancos, estando o ocráceo, por vezes, praticamente restrito as tíbias e flancos. Essas variações não refletem qualquer aspecto etário, pois os jovens de *P. scutatus* assemelham-se aos adultos em termos de plumagem, exceto na tonalidade apagada das partes superiores e pela ausência de uma mancha negra conspícua na garganta. Por conseguinte, *P. s. teretiala* deve ser considerado um novo sinônimo-júnior para a forma nominal da espécie.

Distribuição e habitat. Ocorre do norte da Argentina (Salta, Jujuy, Catamarca) e leste da Bolívia (Tarija, Chuquisaca, Santa Cruz) ao Brasil central e oriental, do sul do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará e Paraíba a Minas Gerais, noroeste de São Paulo, Mato

Grosso e Mato Grosso do Sul (PINTO, 1938, 1978; OIROG, 1978; OREN 1985; REMSEN & TRAYLOR, 1989). Ainda que tal região inclua fitofisionomias das mais variadas, as poucas informações disponíveis caracterizam este Furnariidae sobretudo como um habitante de formações florestais úmidas e secas, inclusive matas ciliares e certos tipos de "cerradão" (FRY, 1970; MEYER-DE-SCHAUENSEE, 1970; NEGRET et al., 1984; SICK, 1955, 1985). Embora haja ao menos duas referências de sua presença em "campos" (SHORT, 1975) e caatingas (SNETHLAGE, 1927, 1928), tais ocorrências parecem ser incomuns, mesmo que os demais representantes do gênero, *P. kollari* (Pelzeln, 1856) e *P. candei* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1838), tenham sido encontrados respectivamente nos campos de Roraima e em diversas áreas abertas do norte da Venezuela e nordeste da Colômbia (MEYER-DE-SCHAUENSEE & PHELPS, 1978; HILTY & BROWN, 1986). Segundo observações que realizamos ao longo da mata atlântica nordestina e em diversos pontos do interior, *P. scutatus* habitaria apenas formações florestais, sejam elas ou não de altitude, não ultrapassando a borda da mata em busca do cerrado, da caatinga esparsa, campos ou pastagens adjacentes. Ocorrendo mesmo em formações secundárias que conservem ao menos parte do seu caráter arbóreo original, este Furnariidae revela-se ao extremo comum nas chamadas "matas secas", termo utilizado para designar diversas comunidades subcaducifólias pouco conhecidas e de aspecto bastante variável, tais como a "mata de cipó" do leste da Bahia (CEPLAC, 1976), a "floresta estacional" das margens do São Francisco (BRASIL, 1982), o peculiar "carrasco" da Serra de Ibiapaba (BRASIL, 1986) e certos "brejos", localizados nas partes mais elevadas das serras interioranas do Nordeste (BRASIL, 1981a, 1981b, 1983). Ainda que estas paisagens abriguem alguns outros Furnariidae, em geral poucos são os Synallaxinae observados, pois grande parte das espécies locais, por exemplo *Synallaxis albescens* Temminck, 1823 ou *S. hypospodia* Sclater, 1874, prefere terrenos mais ensolarados. Embora ocorra amiúde em clareiras ou capoeiras degradadas, a maioria desses representantes raro se aventura no interior da mata, ainda que *S. frontalis* Pelzeln, 1859 e *Gyalophylax hellmayri* (Reiser, 1905) por vezes também penetrem no "carrasco", ao passo que *S. infusata* Pinto, 1950 usualmente freqüenta sítios florestados densos e sombrios, sendo encontrada lado a lado com *P. scutatus*. Nesses ambientes, a maioria dos Passeriformes terrícolas ou que buscam alimento na serrapilheira parece ser composta por vários Formicariidae como *Rhopornis ardesiaca* (Wied, 1831), *Myrmeciza ruficauda* (Wied, 1831), *M. loricata* (Lichtenstein, 1823), *Chamaeza campanisona* (Lichtenstein, 1818) e *Hylopezus ochroleucus* (Wied, 1831), assim como certos Furnariidae especializados, *Sclerurus caudacutus* (Vieillot, 1816) ou *Sclerurus scansor* (Ménétriés, 1835), e alguns Parulidae, *Basileuterus flaveolus* (Baird, 1865) e/ou *B. culicivorus* (Lichtenstein, 1830).

Cabe ressaltar que o reconhecimento de *P. scutatus* como um habitante de paisagens florestais torna este Furnariidae um elemento significativo para a caracterização da avifauna das matas semidecíduas do interior do Brasil, ao invés de torná-lo um possível indicador das semelhanças existentes entre a caatinga e o chaco (SHORT, 1975). Na realidade, ainda que habite vários tipos de florestas úmidas ou secas ao longo de uma área bastante extensa, a distribuição de *P. scutatus* no nordeste e centro do país pouco tem em comum com a ocorrência de paisagens abertas como a da caatinga e o cerrado, obedecendo em grande parte ao mesmo padrão encontrado para espécies das "matas secas" (TEIXEIRA, 1990; TEIXEIRA & LUIGI, 1989), como por exemplo *Xiphocolaptes falcirostris* (Spix,

1824) (Dendrocolaptidae), *Cranioleuca semicinerea* (Reichembach, 1853) e *Megaxenops parnaguae* Reiser, 1905 (Furnariidae).

Hábitos e vocalizações. Essencialmente terrícola, *P. scutatus* desloca-se à custa de curtos saltos elásticos, não hesitando em subir troncos ou galhos caídos. Ocorrem isolados ou aos pares, percorrendo as brenhas fechadas com notável agilidade, esgueirando-se entre a vegetação densa e baixa com uma desenvoltura que recorda a de certos *Synallaxis*. Produzem um inconspícuo ruído quando se deslocam sobre a serrapilheira e podem ser muito buliçosos ao forragear, pois buscam alimento sobretudo no solo, revirando e afastando as folhas secas com o bico à cata de presas ocultas, como, por exemplo, pequenos insetos (Orthoptera, Hymenoptera), conforme comprova o conteúdo do estômago de alguns espécimens examinados. Ainda que não tenha sido visto seguindo correições de formigas, *P. scutatus* acompanha bandos mistos com certa assiduidade, mantendo-se sempre no chão ou muito próximo a ele. Nas “matas secas” de Mocaminho, médio São Francisco, foi observado junto a *Picumnus pygmaeus* (Lichtenstein, 1823) (Picidae), *Sittasomus griseicapillus* (Vieillot, 1818), *Dendrocolaptes platyrostris* Spix, 1824 e *Lepidocolaptes squamatus* (Lichtenstein, 1822) (Dendrocolaptidae), *Xenops rutilans* Temminck, 1821 (Furnariidae), *Thamnophilus punctatus* (Shaw, 1809) e *Herpsilochmus atricapillus* Pelzeln, 1868 (Formicariidae), *Pachyramphus viridis* (Vieillot, 1816) (Cotingidae), *Myiarchus tyrannulus* (Müller, 1776), *Tolmomyias sulphurescens* (Spix, 1825), *Myiopagis caniceps* (Swainson, 1837) e *Idioptilon margaritaceiventris* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837) (Tyrannidae), *Cyclarhis gujanensis* Gmelin, 1789 (Vireonidae), *Parula pitiayumi* (Vieillot, 1817) (Parulidae), *Conirostrum speciosum* (Temminck, 1824) (Coerebidae), *Nemosia pileata* (Boddaert, 1783) e *Hemithraupis guira* (Linnaeus, 1766) (Thraupidae). Nos “brejos” nordestinos (por exemplo na chapada do Araripe), foi visto integrando numerosos grupos com *Picumnus fulvescens* Stager, 1961 (Picidae), *S. griseicapillus* (Dendrocolaptidae), *T. punctatus*, *Dysithamnus mentalis* (Temminck, 1823), *Herpsilochmus pileatus* (Lichtenstein, 1823) e *H. atricapillus* (Formicariidae), *Pachyramphus polychopterus* (Vieillot, 1818) (Cotingidae), *Neopelma pallescens* (Lafresnaye, 1853) (Pipridae), *Empidonax euleri* (Cabanis, 1868), *Myiobius atricaudus* Lawrence, 1863 e *Elaenia chiriquensis* Lawrence, 1867 (Tyrannidae), *Polioptila plumbea* (Gmelin, 1788) (Sylviidae), *C. gujanensis* e *Hylophilus poicilotis* Temminck, 1822 (Vireonidae), *B. flaveolus* e *B. culicivorus* (Parulidae).

Ainda que pouco evidente, o bissilábico “üi-pi” de *P. scutatus* constitui uma das vocalizações mais típicas das “matas secas”, tendo originado o nome onomatopáico de “qué-tripa”, utilizado em certas partes do Ceará (serra de Ibiapaba, chapada do Araripe). Sendo emitida tanto por indivíduos isolados quanto por membros de um mesmo casal à guisa de apelo, esta estrofe pode alongar-se em um assovio mais forte: “üiii...”, às vezes seqüenciado. O canto desse Furnariidae consiste em um conspícuo “djük-húip” (o “ü soando como uma vogal anterior alta) similar ao apelo, elaborado por exemplares que pousam baixo em ramos destacados, chamando a atenção graças à cauda um tanto aberta em leque, assim como pela plumagem eriçada, o que torna a área negra da garganta ainda mais constrastante.

Reprodução. Segundo o tamanho das gônadas de indivíduos examinados e outros dados de campo, a reprodução de *P. scutatus* no nordeste do Brasil ocorreria aproximadamente entre fevereiro e abril, portanto entre o final da estação seca da primavera/verão

e o começo das chuvas outonais (IBGE, 1977). Nossas observações preliminares parecem indicar que esta espécie mantém seus territórios e permanece acasalada ao menos durante grande parte do ano, o que concorda com os registros de BOSQUE & LENTINO (1987) para *P. candei*. Até o momento, entretanto, não foi possível detalhar os ritos nupciais de *P. scutatus*, ainda que casais em intensa movimentação tenham sido vistos durante o mês de fevereiro na Floresta Nacional de Araripe, Ceará. Nessa oportunidade, ambos exemplares vocalizavam repetidamente, mantendo a plumagem um tanto eriçada e a cauda aberta n leque, enquanto perseguiam um ao outro pelo solo entre a vegetação.

As informações acerca da nidificação das espécies do gênero *Poecilurus* têm gerado certa controvérsia, face às discrepâncias observadas entre os poucos relatos existentes, limitados apenas a *P. candei*. Enquanto Marinkelle (in VAURIE, 1980) refere-se a uma estrutura de "capim e finos raminhos com uma entrada ao lado, situada ao nível do solo na cavidade natural de uma árvore morta", tanto SERNA (1984) quanto BOSQUE & LENTINO (1987) mencionam ninhos bastante semelhantes àqueles de *Synallaxis*, feitos de galhos e presos em arbustos. Nesse sentido, causa certa surpresa que as observações feitas no Ceará em 1989 tenham levado à descoberta de que *P. scutatus* edifica uma estrutura muito semelhante a descrita por Marinkelle. Todos os quatro ninhos da espécie que observamos apresentam um mesmo formato básico, tendo sido construídos no solo, geralmente de encontro a árvores vivas ou troncos caídos. Considerando que três deles, localizados em março de 1989 na Floresta Nacional do Araripe, já se encontravam abandonados e um tanto derruídos pela ação dos elementos, nosso relato encontra-se baseado naquele descoberto em 11 de abril de 1989 nos arredores de Pacoti, serra de Baturité, o qual estava em plena atividade recebendo a atenção de ambos os membros do casal, que se alternavam em carregar fragmentos de folhas verdes para o forro da câmara incubatória, onde a fêmea foi vista chocando dois ovos de 2,8g com 21,2 x 15,7mm e 21,6 x 15,5 mm. Os ovos com casca lisa, branco-imaculados, obedecem o padrão usual dos Furnariidae, ao contrário daqueles de *P. candei*, que apresentam um colorido esverdeado ou azul-turquesa (BOSQUE & LENTINO, 1987) comparável com o da postura de *G. hellmayri*.

Embora diversos *Synallaxinae* construam ninhos um tanto desproporcionais ao seu próprio tamanho, chama atenção que um representante de pequeno porte como *P. scutatus*, cujo adulto atinge apenas 15,5cm de comprimento total de 18g de peso, edifique uma estrutura quase maciça de folhas, galhinhos e radículas com cerca de 65 cm de comprimento, 60cm de largura e 30cm de altura. Passando quase despercebido por assemelhar-se a uma pilha de detritos depositada no solo de encontro à base de uma árvore, o ninho de *P. scutatus* está constituído de uma abóbada truncada, com espessas paredes formadas de galhos e sobretudo de folhas mortas empilhadas sem qualquer arranjo, as quais englobam uma pequena câmara incubatória esférica de 10cm de diâmetro composta de radículas, cuja metade inferior encontra-se forrada de numerosos pecíolos e restos de macias folhas verdes. Situada quase no nível do solo, esta câmara comunicava-se com um túnel de 4cm de diâmetro e 26 cm de comprimento, construído com pequenos ramos trançados, o qual atravessava a massa de folhas mortas, projetando-se obliquamente para o exterior em um conspícuo tubo com 22cm de comprimento e cerca de 10° de inclinação (figs. 1, 2). Depois de abandonada, esta estrutura parece servir de abrigo para alguns artrópodes, entre os quais numerosos opiliões (*Stygninae*).

Taxonomia: Dos vários problemas taxonômicos observados entre os *Synallaxinae*,

destaca-se a controvérsia acerca da validade e composição de *Poecilurus* Todd, 1917, cuja espécie-tipo é *Synallaxis candei* Lafresnaye & d'Orbigny, 1838. Através de contribuições posteriores (CORY & HELLMAYR, 1925, PETERS, 1951), este gênero antes monotípico passou a incluir *Synallaxis kollari* Pelzeln, 1856 e *Synallaxis scutata* Sclater, 1859, até que os recentes estudos de VAURIE (1971, 1980) sobre os Furnariidae sugerissem sua sinonimização a *Synallaxis Vieillot*, 1818, o que parece ser um tanto discutível caso consideremos a precariedade de várias das propostas apresentadas por este autor (**apud** SICK, 1985).

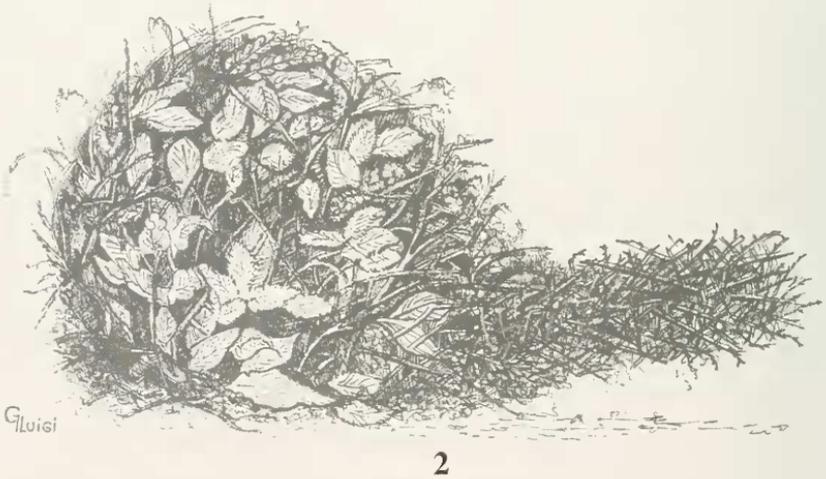
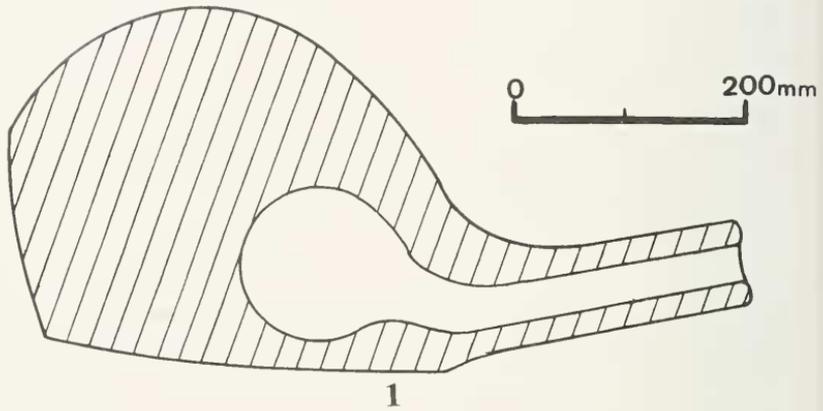
De certa forma, a descoberta do ninho de *P. scutatus* vem renovar tal polêmica, uma vez que *P. candei* edifica uma estrutura de características um tanto diversas (BOSQUE & LENTINO, 1987), semelhante àquela observada para a maioria das espécies de *Synallaxis*. Entretanto, segundo Marinkelle (**in** VAURIE, 1980), esta espécie também pode construir um ninho bastante similar ao de *P. scutatus*, o que talvez indique um certo comportamento oportunista, fato já observado para diversos Furnariidae (SICK, 1985, VAURIE, 1980), ainda que os Synallaxinae pareçam ser algo constantes nesse sentido. Uma vez que ninhos similares não necessariamente constituem um indício de parentesco e vice-versa, podemos considerar os dados existentes sobre a nidificação de *P. scutatus* como inconclusivos desde o ponto de vista sistemático, sobretudo se levarmos em conta que essa estrutura, apesar de todas as particularidades assinaladas, recorda a de outros Synallaxinae, obedecendo ao mesmo padrão básico de uma massa de matéria vegetal disposta ao redor de uma câmara incubatória aberta para o exterior através de um túnel, sendo sua localização no solo tanto menos surpreendente se tivermos em vista não apenas os hábitos terrícolas da espécie, mas também o fato de que outros Synallaxinae também podem nidificar no solo, como parece ser o caso de *Synallaxis cinerascens* Temminck, 1823 (BELTON, 1984). Ressaltamos ainda que a coloração esverdeada dos ovos de *P. candei* diverge bastante do colorido brancacento assinalado para a maioria dos Synallaxinae, inclusive *P. scutatus*, encontrando paralelo apenas com a postura de *G. hellmayri*, espécie típica das áreas abertas da caatinga, cujas relações de parentesco tampouco encontram-se estabelecidas. Embora os representantes de *Poecilurus* tenham sido considerados como estreitamente aparentados entre si (Vuilleumier **in** VAURIE, 1980), algumas das diferenças supracitadas tornam o assunto de certa maneira aberto a novas discussões.

Agradecimentos. Ao World Wildlife Fund/US, cujo apoio permitiu a realização do programa de pesquisas acerca da avifauna nordestina e ao Dr. Francisco L. Nepomuceno e família, que tornou possível realizarmos diversos trabalhos de campo no Ceará. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo constante apoio prestado às atividades da Seção de Ornitologia do Museu Nacional/UFRJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTON, W.C. 1984. Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. Part 1. Rheidae through Furnariidae. **Bull. Amer. Mus. nat. Hist.**, New York, **178** (4): 371-631.
- BOSQUE, C. & LENTINO, M. 1987. The nest, eggs and young of the White-whiskered Spinetail (*Synallaxis Poecilurus candei*). **Wils. Bull.**, Lawrence, **99** (1): 104-6.
- BRASIL. Departamento de Produção Mineral. 1981a. Projeto RADAM-BRASIL. **Folhas SB 24/25, Jaguaribe/Natal**. Rio de Janeiro, M.M.E. 740p. (Levantamento de Recursos Naturais, 23).
- . 1981b. Projeto RADAM-BRASIL. **Folhas SD 24, Salvador**. Rio de Janeiro, M.M.E. 624 p. (Levantamento de Recursos Naturais, 24).

- 1982. Projeto RADAM-BRASIL. Folhas SD 23, Brasília. Rio de Janeiro, M.M.E. 653 p. (Levantamento de Recursos Naturais, 29).
- 1983. Projeto RADAM-BRASIL. Folhas SC 24/25, Aracajú Recife. Rio de Janeiro, M.M.E. 852 p. (Levantamento de Recursos Naturais 30).
- BRASIL. Superintendência de Desenvolvimento do Estado do Ceará. 1986. Atlas do Ceará. Fortaleza. 57p.
- CEPLAC. 1976. Diagnóstico socioeconômico da região cacauzeira. Ilhéus. 246p. (Recursos Florestais, 7).
- CORY, C.B. & HELMAYR, C.R. 1925. Catalogue of birds of the Americas. Publ. Field Mus. Nat. Hist. (Zool. Ser.) Chicago, 13 (4): 1-390.
- FRY, C.H. 1970. Ecological distribution of birds in north-eastern Mato Grosso State, Brazil. An. Acad. brasil. Ciênc., Rio de Janeiro, 42 (2): 277-318.
- HILTY, S.L. & BROWN, W.L. 1986. A guide to the birds of Colombia. Princeton, Princeton University. 836 p.
- IBGE. 1977. Geografia do Brasil: região nordeste. Rio de Janeiro. 454 p.
- MEYER-DE-SCHAUENSEE, R. 1970. A guide to the birds of South America. Philadelphia, Academy of Natural Sciences of Philadelphia. 470 p.
- MEYER-DE-SCHAUENSEE, R. & PHELPS, W.H., JR. 1978. A guide to the birds of Venezuela. Philadelphia, Academy of Natural Sciences of Philadelphia. 424p.
- NEGRET, A.; TAYLOR, J.; SOARES, R.C. et. al. 1984. Aves da região geopolítica do Distrito Federal. Brasília, Secretaria Especial do Meio Ambiente. MINTER. 21p.
- OLROG, C.C. 1978. Nueva lista de la avifauna argentina. Opera Lilloana, Tucumán, 27: 1-324.
- OREN, D.C. 1985. Two new subspecies of birds from the canga vegetation, Serra dos Carajás, Pará, Brazil, and one from Venezuela. Publ. Avuls. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Belém, 40: 93-100.
- PETERS, R. 1951. Check-list of birds of the world. Cambridge, Mass., Museum of Comparative Zoology. 318 p.
- PINTO, O.M.O. 1938. Catálogo das aves do Brasil. Revta Mus. paul., São Paulo, 22: 1-566.
- 1978. Novo catálogo das aves do Brasil. São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 446p.
- REMSEN, J.V., JR. & TRAYLOR, M.A., J.R. 1989. An annotated list of the birds of Bolivia. Vermillion, Buteo Books. 79p.
- SERNA, M.A. 1984. Avifauna parcial de la Guajira. Medellin, Museo de Historia Natural Colegio de San José, 52p.
- SHORT, L.L. 1975. A zoogeographic analysis of the South American Chaco avifauna. Bull. Am. nat. Hist. New York, 154 (3): 165-352.
- SICK, H. 1955. O aspecto fitofisionômico da paisagem do médio rio das Mortes, Mato Grosso, e a avifauna da região. Arq. Mus. nac. Rio de J. Rio de Janeiro, 42: 541-76.
- 1985. Ornitologia brasileira: uma introdução. Brasília, Editora Universidade de Brasília. 827 p.
- SNETHLAGE, H. 1927. Meine Reise durch Nordostbrasilien. J. Orn. Leipzig, 75: 453-84.
- 1928. Meine Reise durch Nordostbrasilien. J. Orn., Leipzig, 76: 503- 81, 668-738.
- TEIXEIRA, D.M. 1987. Notas sobre o "gravatazeiro", *Rhopornis ardesiaca* (Wied, 1831). Revta bras. Biol., Rio de Janeiro, 47 (3): 409-14.
- 1990. Notas sobre algumas aves descritas por Emile Snethlage. Boln. Mus. nac., Rio de J. N. Ser. Zool., Rio de Janeiro, 37: 1-6.
- TEIXEIRA, D.M. & LUIGI, G. 1989. Notas sobre *Cranioleuca semicinerea* (Reichenbach, 1853). Revta bras. Biol., Rio de Janeiro, 49 (2): 605-13.
- VAURIE, C. 1971. Classification of the Ovenbirds, Furnariidae. London, Witherby. 46p.
- 1980. Taxonomy and geographical distribution of the Furnariidae. Bull. Am. Mus. nat. Hist., New York, 166 (1): 1-357.



Figs. 1,2: Ninho de *Poecilurus scutatus*. 1. Corte longitudinal; 2. Vista lateral.